

---

## O PAPEL DA PONTUAÇÃO NA ESCRITA DOS ALUNOS DA EJA

---

Cláudia Aparecida Ferreira Ferraz<sup>1</sup>  
Natália Sathler Sigilino<sup>2</sup>

### Apresentação

O presente artigo pretende relatar uma experiência de pesquisa-ação, em andamento no ano de 2017, visando ressignificar o estudo de pontuação por meio do viés da análise linguística. Nesse contexto, apresentamos uma proposta interventiva em uma sala de aula da Educação de Jovens e Adultos (EJA) cuja finalidade é a de aproximar o estudo gramatical, mais especificamente no que diz respeito à pontuação, do estudo dos gêneros da esfera jornalística, com base na abordagem da Análise Linguística (cf. Mendonça, 2006; Antunes, 2003, 2014). Tal estudo se justifica devido às constatações de que o ensino de regras gramaticais, desvinculadas do seu uso efetivo nos textos, têm sido ineficientes para o desenvolvimento do letramento do aluno. Além disso, as análises dos livros didáticos da Educação de Jovens e Adultos revelam, por vezes, um quadro bastante desfavorável ao ensino de pontuação, fundamental na construção de sentidos dos textos produzidos pelos alunos (cf. FERRAZ & SIGILINO, no prelo).

Temos a convicção de que, por meio desse estudo, o aluno será capaz de perceber a importância e o papel da pontuação nos mais diversos gêneros do cotidiano. Além disso, adotando-se a perspectiva de ensino pautada no modelo de sequência didática dos gêneros textuais (cf. Dolz, Noverraz e Schneuwly, 2011 [2004]), os alunos serão capazes de compreender que a pontuação é um dos aspectos linguístico-discursivos responsáveis pelos efeitos de sentido na interlocução autor/texto/leitor, entendendo ainda seu caráter sintático- semântico.

Por meio do estudo e da produção de textos de gêneros da esfera jornalística, os alunos poderão refletir sobre o dinamismo dos sinais de pontuação em determinados gêneros, contribuindo para a aprendizagem e o uso dos sinais nas suas produções.

### Caracterização da escola e da turma

---

<sup>1</sup> Mestranda do Proletras/ UFJF. Professora da E. M. Pedro Furtado em Itamarati de Minas - MG. E-mail: [claudiaferraz.ita@gmail.com](mailto:claudiaferraz.ita@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutora em Linguística/UFJF. E-mail: [natalia.sigilino@ufjf.edu.br](mailto:natalia.sigilino@ufjf.edu.br)



A presente intervenção faz parte do desenvolvimento de uma pesquisa de mestrado no âmbito do ProfLetras/UFJF e está sendo aplicada, desde o mês de junho de 2017, em uma turma da Fase III da Educação de Jovens e Adultos, na Escola Municipal Pedro Furtado, em Itamarati de Minas, Minas Gerais. Nesse sentido, trata-se de uma pesquisa ainda em andamento.

A escola em que essa intervenção está sendo realizada é exclusiva de Ensino Fundamental, possuindo trezentos e noventa e sete alunos, distribuídos em vinte turmas, sendo: nove turmas de anos iniciais e dez turmas de anos finais (oito turmas na modalidade regular e duas turmas na modalidade EJA).

Os alunos são provenientes de famílias da classe C, D e E, sendo que a maioria pertence à classe D. As famílias possuem formação escolar básica, com uma parcela significativa de pais e mães com nível superior e alguns poucos casos de índice baixa de escolaridade.

A escola pertence à rede municipal de educação e é vinculada ao sistema de educação do estado de Minas Gerais, sob a inspeção da Superintendência Regional de Ensino de Leopoldina, uma vez que o município não possui sistema próprio de ensino.

O corpo de funcionários da escola conta com cinquenta e quatro servidores, em sua maioria nomeados por meio de concurso público. Desse total, catorze são professores de 1º ao 5º ano e vinte são professores de 6º ao 9º ano. Todos possuem graduação no conteúdo específico em que trabalham.

A turma pesquisada nesta intervenção possui um perfil bastante heterogêneo, principalmente no que se refere à idade. São onze alunos com idades entre dezesseis e cinquenta e cinco anos. Alguns são trabalhadores (pedreiro, servente de pedreiro, donas de casa), uns estão desempregados e outros são jovens que não se adaptaram ao ensino regular por conta de problemas de disciplina e aprendizagem.

A infrequência é uma característica da turma, principalmente com relação aos alunos que trabalham originada do cansaço ou por motivos diversos como: doença, falta de interesse, filhos, etc. Apesar disso, há sete alunos frequentes que se dedicam ao estudo e demonstram prazer em aprender.

Alguns alunos apresentam dificuldades na construção de sentidos dos textos, que são minimizadas por meio de um estudo mediado pelo professor e pela dedicação dos alunos. Por conta dessa característica, observamos uma evolução na compreensão de textos com relação ao ano anterior.

Há, ainda, defasagens significativas, principalmente no que se refere à colocação dos sinais de pontuação. Observam-se, nos textos produzidos, falta da marcação da pontuação final, ausência de marcação do discurso direto, uso da vírgula como “pausa para respirar”, substituição



do sinal de pontuação final por segmentação de frases em linhas diferentes ou eliminação completa dos sinais de pontuação.

A maioria dos jovens e adultos da turma vem de trajetórias escolares repletas de sucessivas reprovações que culminaram com o abandono da escola ou a mudança de modalidade. Alguns desses alunos mudaram de modalidade por terem sido reprovados ou por problemas de disciplina no ensino regular, não se adaptando àquela modalidade. Por esse motivo, muitos se consideram fracassados e incapazes. Nota-se, nesses casos, a exclusão social de jovens pobres, motivada pelo próprio sistema, pela escola, pelos professores e pelos próprios alunos em relação ao sistema, que não se adaptam à metodologia utilizada no ensino regular, ao tempo e ao espaço da sala de aula.

### Fundamentação teórica

O estudo linguístico da pontuação no Brasil ainda é um universo pouco explorado. Sobre esse assunto, destacam-se algumas teses que estudam o tema, em especial da pesquisadora Véronique Dahlet, pesquisas realizadas por Rocha (1997) e por Silva (2012).

Rocha critica o fato de os manuais de pontuação se aterem a regras, bem como o fato de a pontuação ser apresentada de “maneira ingênua e impressionista, sem se considerar a complexidade do assunto e as contradições que envolve” (ROCHA, 1997, *on-line*), que, de acordo com ela, decorrem das diferenças entre a oralidade e a escrita.

A percepção simétrica entre a prosódia da fala e a pontuação escrita, adquirida nos primeiros anos do ensino fundamental, acompanha nossos alunos até os anos posteriores de sua formação, levando-os a imprimir nos seus textos padrões próprios da oralidade. Rocha (1998 apud SILVA, 2012, p. 135) que nos adverte, porém que: “nem sempre a prosódia da fala corresponde às prescrições gramaticais”.

Salientamos, no entanto, que há uma “relativa liberdade existente no uso da pontuação” (SILVA, 2012, p. 135) por existir mais de uma possibilidade de se pontuar o mesmo texto, sendo a escolha dos sinais definida pelo escritor. Além disso, observamos que cada gênero textual carrega uma característica própria quanto à pontuação: os textos humorísticos (como charges, tirinhas, piadas) apresentam uma liberdade maior quanto à colocação dos sinais de pontuação; os textos veiculados nas redes sociais às vezes não apresentam alguns sinais (como mensagens de celular); e outros, por uma questão estilística, rompem com as regras de pontuação, utilizando espaços ou mesmo os sinais para auxiliar na construção dos sentidos (tal qual ocorre em poesias, romances).

Apesar dessa constatação, não se pode esquecer de que a pontuação é orientada também



por algumas regras que desautorizam a liberdade total (cf. SILVA, 2012). Essa afirmação é essencial para o nosso trabalho em sala de aula, apesar de não podermos nos guiar por ela, o que faria de nossas aulas uma repetição de regras gramaticais de uso dos sinais de pontuação. Quanto a isso, Antunes (2003) ensina:

[...] é necessário que o professor ajude o aluno a entender que os sinais de pontuação são isto mesmo – *sinais* – e, como tais, são instruções que auxiliam o leitor na busca do significado, das intenções e dos objetivos do texto e de cada uma de suas partes. O interessante seria que a pontuação fosse vista, sempre, como uma coisa relacionada ao sentido, à coerência do texto, isto é, como um recurso que facilita a compreensão. Por isso é que esses sinais são importantes. E, como sinais, uns são imprescindíveis – senão o sentido fica comprometido – outros são facultativos, pois são apenas enfáticos ou expressam um ponto de vista pessoa. (ANTUNES 2003, p. 149)

Para a autora, o professor deve levar em consideração essa característica da pontuação na construção de sentidos e preparar uma infinidade de atividades que deem conta dos efeitos de sentido que ela provoca no texto.

Deve-se destacar aqui que “a pontuação está diretamente relacionada aos gêneros textuais nos quais ela aparece” (SILVA, 2012, p. 136), por isso, é imprescindível que o ensino de pontuação não se pautem no estudo de regras e de exercícios estruturais baseados em frases soltas ou descontextualizadas. As práticas de análise linguística, nesse ponto, devem contemplar a reflexão sobre os sinais de pontuação e seus efeitos de sentido nos textos, proporcionando ao aluno experiências efetivas de letramento ocorridas nas práticas de leitura, escrita e análise linguística (cf. SILVA, 2012).

### Descrição da experiência

Nesta seção, será apresentada a sequência didática que está sendo aplicada na Fase III da EJA. A definição dos módulos de trabalho foi estabelecida levando-se em consideração o estudo dos gêneros nos aspectos macroestruturais e microestruturais, principalmente no que se refere à aprendizagem da pontuação.

Dessa forma, as atividades propostas na sequência didática foram organizadas, no quadro abaixo, da seguinte maneira: etapas da sequência didática; objetivos de cada etapa e descrição das atividades que foram ou ainda serão realizadas na execução da intervenção.

ETAPA 1 PONTO DE PARTIDA (MOTIVAÇÃO)		
OBJETIVOS	MÓDULOS	ATIVIDADES



<p>▶ Motivar o aluno para o trabalho com os gêneros textuais.</p> <p>▶ Verificar o conhecimento do aluno em relação à pontuação.</p> <p>▶ Desenvolver atitudes de interação e troca de experiências entre os alunos.</p>	Módulo I	AÇÃO 1: Motivação
		AÇÃO 2: Hora do Riso
	Módulo II Retextualização de piadas (Avaliação diagnóstica)	Produção de texto Comparando fala e escrita Diagnosticando
<b>ETAPA 2</b> <b>O PERCURSO</b> <b>(Usos, reflexão e sistematização)</b>		
<b>OBJETIVOS</b>	<b>MÓDULOS</b>	<b>ATIVIDADES</b>
<p>▶ Refletir sobre o uso dos sinais de pontuação no gênero estudado.</p>	Situação Inicial	Ação 1: Roda de conversa
		Ação 2: Gêneros do suporte Jornal (definição de gêneros)
		Fase 1: Produção Inicial



► Produzir textos dos gêneros estudados.	Módulos (1, 2, 3 e 4) Estudos dos gêneros: tirinha, notícia, artigo de opinião, manchete	Fase 2: Encontro com o gênero
		Fase 3: Análise linguística (Pontuação)
		Fase 4: Produção Final
		Fase 5: Reescrita
<b>ETAPA 3 PONTO DE CHEGADA (Produção do Suporte)</b>		
<b>OBJETIVOS</b>	<b>MÓDULOS</b>	<b>ATIVIDADES</b>
► Produzir textos aplicando as especificidades aprendidas dos sinais de pontuação.	Módulo I	Estudo do suporte jornal escrito Estudo do suporte jornal <i>on-line</i>
	Módulo II	Oficinas de produção de jornal
	Módulo III	Produção e divulgação do jornal

Quadro 1: Estrutura da intervenção.

Levando em consideração que esse artigo pretende apresentar os resultados alcançados na Etapa 1, é importante que se entenda como foi desenvolvida, uma vez que ela tem como um de seus objetivos descobrir os conhecimentos dos alunos acerca da pontuação e iniciar uma reflexão com os alunos sobre os efeitos de sentidos que os sinais podem dar ao texto, realizando um diagnóstico.

Dessa forma, após uma motivação (Ação 1 do Módulo I) realizada na roda de conversa, os alunos foram divididos em duplas e puderam contar piadas para seus colegas (Ação 2 – Hora do riso – Módulo I) que foram gravadas no celular e enviadas via *whatsapp* para a professora e o colega a fim de ser utilizada para retextualização posterior.

Em outra aula, as piadas foram retextualizadas (Módulo II), a partir do áudio gravado na aula anterior. Em seguida, os alunos compararam fala (gravada em áudio) com a escrita (retextualização). Essa produção foi utilizada para discussão das especificidades da pontuação usada pelos alunos em seus textos. Posteriormente, foi feita uma correção, em duplas, possibilitando a reflexão sobre os usos dos sinais de pontuação para a produção dos sentidos.

### Avaliação dos resultados

Uma vez que se trata de uma pesquisa em andamento, os resultados, aqui apresentados, se referem à Etapa 1, elencada no Quadro 1. Após a aplicação da dessa etapa da intervenção, observou-se que a turma da Educação de Jovens e Adultos iniciou um processo de reflexão e compreensão do uso dos sinais de pontuação nos textos, possibilitados, principalmente, pela



retextualização de piadas oralizadas. Essa reflexão teve como resultado da reescrita a compreensão dos sinais marcadores de discurso direto, proeminentes no gênero piada, que ainda não está consolidada.

Percebe-se, nos textos produzidos, que a vírgula é utilizada como pausa para respirar, artifício reflexo da oralidade. Essa percepção simétrica entre a prosódia da fala e a pontuação no texto escrito pode ser influência da aprendizagem dos alunos nos anos iniciais de sua escolarização. É necessário ampliar essa reflexão sobre o uso dos sinais de pontuação a fim de que o aluno compreenda que “nem sempre a prosódia da fala corresponde às prescrições gramaticais”, conforme afirma Rocha (1998 apud SILVA, 2012, p. 135).

Junto com essa característica, nota-se a falta da marcação com os dois pontos e a marcação de diálogo, a fim de reproduzir o discurso direto, conforme se observa no texto reproduzido abaixo:

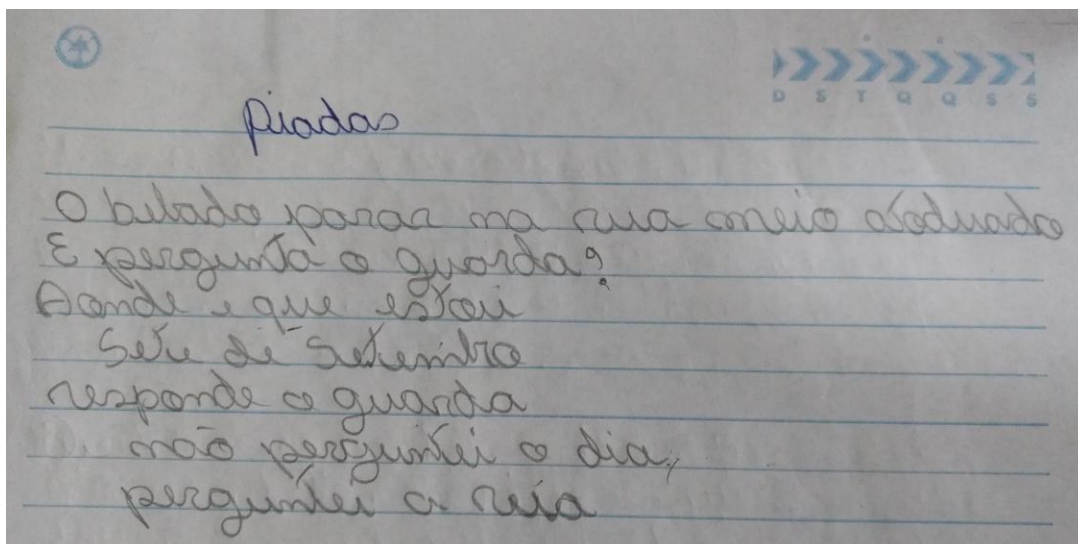


Figura 1: Retextualização de piada.

Analisando o texto, verifica-se a segmentação dos períodos, em linhas separadas, a fim de demarcar a fala dos personagens, demonstrando que a aluna compreende que se deve fazer essa demarcação. No entanto, ela não utiliza o travessão, as aspas ou os dois pontos.

Pode-se observar, além disso, o uso do sinal de interrogação empregado equivocadamente. Possivelmente a aluna tenha associado o sinal (usado para marcar interrogações) com a palavra “pergunta”, estabelecendo associação semântica. Quando, porém, há necessidade do uso de um sinal de interrogação, a aluna não o utiliza, demonstrando dificuldades no que se refere ao estabelecimento de sentidos por meio da pontuação.

É fato que o emprego da vírgula, dos dois pontos e do ponto final têm um viés sintático-





semântico que pode ser expresso por meio de regras. No entanto, verifica-se que o ensino dessas regras, apenas, não capacita o aluno a utilizar eficazmente esses sinais, construindo sentidos para o seu texto, como se verifica na reprodução do texto da aluna acima. Nasce daí a necessidade de trabalhar a pontuação dentro do viés da análise linguística, levando o aluno a refletir sobre o seu uso, nos variados gêneros textuais, a fim de garantir a expressividade dos enunciados. Só assim, o aluno poderá ir além das regras gramaticais dos usos da pontuação.

Outro fato que merece destaque foi a compreensão de alguns alunos da EJA sobre a pontuação como algo que atrapalha a leitura de um texto. Em reflexões orais mediadas pela professora acerca da leitura da piada e de sua retextualização, alguns alunos afirmaram que se não existisse pontuação, seria mais fácil de “entender o texto” lido. Nesse caso específico, os alunos estavam lendo piadas escritas para serem contadas na sala de aula. A compreensão da pontuação como algo alheio ao texto e o seu não reconhecimento como elemento essencial para a produção de sentidos pode ser explicada, de certa forma, porque a pontuação é focalizada especificamente, em alguns livros didáticos e em algumas aulas de Língua Portuguesa, para a produção de textos. Não há, em determinada medida, um estudo dos efeitos de sentido estabelecidos pelo uso de alguns sinais de pontuação ou pela sua ausência em determinados gêneros textuais. Como afirma Silva, “a pontuação está diretamente relacionada aos gêneros textuais nos quais ela aparece” (SILVA, 2012, p. 136), por isso, é importante que o aluno tenha acesso a um estudo reflexivo de variados gêneros textuais, a fim de verificar como a pontuação se comporta no estabelecimento de sentidos de tais textos.

É importante destacar que a análise dos resultados, aqui efetivada, se pauta apenas na primeira etapa prevista, que tinha como objetivo verificar o conhecimento dos alunos acerca do uso do sistema de pontuação, uma vez que se trata de uma pesquisa em andamento.

### Considerações finais

Realizar uma intervenção que possibilita a análise de uma prática pedagógica é essencial para a melhoria da aprendizagem e para a contribuição com o trabalho de outros professores que tiverem acesso ao resultado dessa pesquisa.

Os resultados, aqui apresentados, apesar de serem parciais, por se tratar de uma pesquisa em andamento, apontam para algumas questões significativas, tais como: i) os alunos da EJA têm uma percepção simétrica entre a prosódia da fala e a pontuação do texto escrito, pontuando seus textos sob a influência do ritmo e da pausa respiratória próprias da oralidade; ii) alguns alunos não





compreendem que a entoação na leitura oral é representada por sinais de pontuação, estabelecendo relações de sentido, dificuldade esta que gera conflitos dialógicos na leitura do texto, por não reconhecerem os sentidos estabelecidos por tais sinais; iii) ao produzir um texto, os alunos não conseguem usar os sinais de pontuação de forma que possam garantir a expressividade de enunciado, prejudicando a coesão e o estabelecimento de sentidos, pela ausência dos sinais ou pelo seu uso indevido.

Levando em consideração tais resultados, é importante destacar que a aprendizagem da pontuação, tão necessária e pouco valorizada nas aulas de Língua Portuguesa, poderá ser trabalhada de forma que leve o aluno a refletir, a partir do texto, indo além das regras gramaticais.

É fato inegável que esta pesquisa contribui para a melhoria da aprendizagem. No entanto, seus resultados se tornam maiores quando se podem identificar outras possibilidades de ampliação da experiência. É nisso que acreditamos. Entendemos que essa pesquisa possa contribuir para uma compreensão maior de como os alunos entendem o mecanismo do sistema da pontuação e, por meio disso, possamos encontrar caminhos para uma aprendizagem significativa desse sistema, a fim de que os alunos consigam estabelecer sentidos para os gêneros textuais que lê e produz.

O conteúdo da pontuação se descortina com uma importância significativa para a construção dos sentidos, revelando possibilidades estéticas, pragmáticas, semânticas e sintáticas. É nossa pretensão, permitir que o aluno abandone uma visão enrijecida pelas regras da gramática e tenha acesso ao mundo dinâmico e vivo da pontuação nos textos produzidos por indivíduos que estabelecem uma interlocução ativa com seu leitor. Assim, o estudo da gramática pode deixar de ser mecânico para assumir a reflexão constante do uso da pontuação nos variados gêneros textuais.

Acreditamos que, dessa forma, as etapas da intervenção que ainda faltam ser aplicadas possam dar a real dimensão aos alunos de que, apesar da importância das normas gramaticais para o uso dos sinais de pontuação, é necessário perceber que há outras variáveis que influenciam a produção e os efeitos de sentido do sistema de pontuação nos gêneros textuais.

Esperamos que possamos possibilitar a construção de leitores e produtores de textos mais proficientes, por meio de um trabalho com as práticas sociais de leitura e de escrita, por meio da compreensão do sistema da pontuação.

## Referências

ANTUNES, I. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.



ANTUNES, I. **Gramática contextualizada: limpando "o pó das ideias simples"**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, N. e SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B. E DOLZ, J. et ali. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

MENDONÇA, M. R. Pontuação e sentido: em busca da parceria. In: A. P. DIONÍSIO, & M. A. BEZERRA, **O livro didático de Português: múltiplos olhares**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003. p. 113-125.

MENDONÇA, M. Análise linguística no ensino médio: um novo olhar, um outro objeto. In: C. BUNZEN, & M. M. [orgs], **Português no ensino médio e formação de professor**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 199-226.

ROCHA, I. L. V. **O sistema de pontuação na escrita ocidental: uma retrospectiva**. *Delta* [on-line]. 1997, vol. 13, n.1, p. 83-118. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-44501997000100005&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501997000100005&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt). Acesso em: 10 fevereiro 2017.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. (Org.). **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

SILVA, A. A aprendizagem e o ensino de pontuação. In: SILVA, A.; PESSOA, A. C ; LIMA, A. [orgs], **Ensino de gramática: reflexões sobre a língua portuguesa na escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. p. 133-151

